ANO II
ED. 07

COLORSdj

ELISA AMARAL

ARTISTA DESDE PEQUENA, EX-CANTORA DE BANDAS DE ROCK E ATUALMENTE DJ, PRODUTORA E MUITO MAIS

COLORSdj

ANO II - Ed. 07

ÍNDICE

MÚSICA

DESTAQUE 03
DJ ELISA AMARAL:
Artista desde pequena, ex-cantora de bandas de rock e atualmente DJ, produtora e **muito mais**

EVENTOS 08
REVIEW:
As potencialidades do transcentralização efetiva

EVENTOS 10
Diva na Pool

NOTÍCIAS

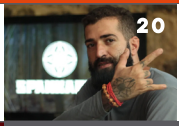
NOTÍCIA 14
Som proibido nas praias do Rio

HISTÓRIA

COLUNA 15
PAPOS PSICODÉLICOS
Papos Psicodélicos

PROFISSÃO

COLUNA 17
THIAGO TORRES
E aí? Cadê os pretos? Cadê as Trans? Cadê a diversidade?



COLUNA 20
BIANCA MOTTA
A espinha dorsal do psytrance: Capítulo II SPankartZ

COLUNA 31
ALEX BUUENO
Cenário Underground: o difícil mercado de produção de eventos independentes no Brasil

REVISTA DIGITAL INTERATIVA

COLORSdj

ANO II - Ed. 07

ÍNDICE

I.D.

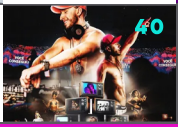
36

COLUNA
TIAGO JERÔNIMO
Versatilidade musical

38

LANÇAMENTO
Pedro Arms lança seu novo single "Quero Ver Quem Vem", pela AURAVISS RECORDS

LANÇAMENTO
DJ Melques Viber se apresenta em tributo em homenagem a cantora Anitta no Rio de Janeiro



40

VOZES

42

COLUNA
SAMUEL STRAPPA
Amores e Cores: Ricardo e Dani

Foto: Marco.

DJ ELISA AMARAL: Artista desde pequena, ex-cantora de bandas de rock e atualmente DJ, produtora e muito mais

A revista COLORS DJ MAGAZINE dá DESTAQUE à DJ Elisa Amaral que revela um pouco sobre música, admiração por DJs mulheres, referências artísticas, produção musical, Music Branding e muito mais.

Artista desde pequena, era envolvida em diversas atividades artísticas e até mesmo reproduzia sinais que davam indício a uma futura carreira de DJ.

Nesta entrevista, relata um pouco sobre sua ligação com a arte, trazendo à tona inspiração, dedicação, sonhos e paixão. *Confira agora* nosso bate-papo especial com a DJ Elisa Amaral:

> **“Sou do tempo da fita cassete, nessa época já tinha a mania de gravar várias fitas do que tocava na rádio.”**
>
> DJ Elisa Amaral.

Pode entrar, se apresente... Quem é Elisa Amaral?

A Elisa Amaral é plural, versátil, colorida. Desde pequena, sou apaixonada por música e arte, de uma forma geral, sempre foi algo natural meu. Sou do tempo da fita cassete. Nessa época já tinha a mania de gravar várias fitas do que tocava na rádio e cada uma tinha um *mood* diferente para cada situação. Sou da zona sul do Rio de Janeiro, estudei em escola católica mas, na escola, faziam muitas atividades artísticas e eu sempre fui muito ativa nos projetos: cantava, dançava, fazia poesia: um pouco de tudo. Com o tempo, fui ganhando o gosto pela coisa. Estudei em uma escola de música, o Villa Lobos, e tive até bandas de rock, eu cantava. Uma delas era toda de mulheres, inclusive o canto é algo que estou pretendendo voltar e inserir no meu trabalho como DJ e produtora. Meu irmão é cantor e preparador vocal, então acho que vou abusar um pouco dele esses meses.

Elisa cantora. Foto: Acervo pessoal da artista.

E sobre suas referências?

Sobre referências, eu tenho de tudo um pouco, acredito que de cada artista, mesmo que não seja de certa forma do seu setor, você pode acabar se inspirando por algum motivo. Curto muito Amy Winehouse, minha diva forever, também sou uma fã eterna de Spice Girls, pelo estilo e posicionamento delas em si, e com relação a DJs, eu procuro me inspirar em DJs mulheres. A primeira que vi tocar, e que me inspirou demais, foi a Mary Olivetti, mas curto muito Peggy Gou, Charlotte de Witte e me identifico muito com o Claptone também de forma musical.

Elisa Amaral em uma das apresentações no Bloco Deep Please 2022 - RJ - Foto: Tuiki.

Como surge a DJ Elisa Amaral?

A DJ Elisa Amaral surgiu como um acaso, mas ao mesmo tempo a vida foi me mostrando sinais aos poucos. Como disse acima, a Mary Olivetti foi a primeira mulher que vi tocando, isso tem mais de 10 anos, e naquele tempo não tinha tantas DJs mulheres. Eu vi aquilo e achei incrível, já deu aquele alarme na mente, mas não tive nenhuma atitude a princípio, só fiquei com aquilo na minha cabeça. Eu sempre fui muito festeira, vivia na noite, nas baladas, então já conhecia bastante gente. Um dia fui com um amigo DJ, o Senna, acompanhar ele num gig, quando ele ficou com vontade de ir ao banheiro e me pediu para que segurasse a pista ali pra ele, mas eu não sabia nem mexer direito, me ensinando só o básico na hora. Eu gostei tanto daqueles minutos ali comandando a pista, que pedi para continuar. Foi quando um fotógrafo tirou uma foto nossa ali na cabine, jogou no facebook e, logo que viram, um amigo, o Diggy, já me convidou pra tocar na Casa Rosa, eu ainda nem sabia mixar na época, mas aceitei na cara e coragem e, também, na cara de pau (risos). Na época, tocava rock e pop em festas alternativas e quando me vi sendo solicitada pros rolês, resolvi meter a cara e estudar. Fiz aulas com amigos DJs e cursos, um que eu amei foi a On Top, indico muito. Washington, o professor de lá me fez ter outra visão do todo e me ensinou tudo que eu sei hoje.

Elisa Amaral. Foto: Thais Cunha.

São mais de 11 anos agitando as pistas de dança, nesse período, como que fez para encontrar o(s) seu(s) estilo(s)?

São 11 anos e durante um bom tempo fiquei dividida entre duas profissões, por isso tudo foi um pouco demorado no meu processo. Sou jornalista de formação e trabalhei na TV Globo por muitos anos. Então, a carreira de DJ em uma época estava em segundo plano, trabalhava tantas horas por dia que não tinha tempo de me dedicar. Cheguei a trabalhar na TV e, em paralelo, também fui coordenadora de produção da Matriz e foi lá que comecei a me envolver mais com as festas, tocar, etc. Em 2017, resolvi dar um start no foco, me demiti de tudo e fiquei 3 meses sabáticos em Amsterdam. Lá que eu resolvi focar na música, que era minha grande paixão, apesar de gostar muito da arte de escrever. Então, assim que voltei, recebi o convite para ser residente do Copacabana Palace e, dali, nunca mais parei, são 5 anos focada e vivendo de música. Comecei ali no open format mais pela quantidade maior de oportunidades que apareciam, mas tocava música eletrônica em paralelo em outras festas, que sempre foi minha maior paixão na real, apesar de eu ouvir de TUDO quanto é estilo, a música eletrônica faz meu coração bater mais forte. Foi só quando eu comecei a produzir minhas músicas de fato, que as pessoas entenderam essa transição.

Assista: Isolamento Musical @ Elisa Amaral 07.03.2021

> **“Eu procuro me inspirar em DJs mulheres.”**
>
> DJ Elisa Amaral.

Como é ser mulher, DJ e produtora?

Bem difícil de fato, um caminho com muitas bolhas para furar, barreiras pra quebrar e o tempo todo tendo que provar duas vezes mais que você é boa o suficiente no que faz. Hoje em dia, as pessoas me conhecem mais e já me respeitam de certa forma, mas já passei por poucas e boas e sim, ainda não é totalmente fácil, principalmente na música eletrônica que é um mercado demarcado em sua maioria pelo masculino. Vemos ainda muitas lines, inclusive de festivais, compostos quase 100% por homens ou até mesmo 100%… É uma luta, mas acredito que estamos mais unidas do que nunca, e isso está mudando aos poucos. Não dá mais pra ignorar tantas mulheres talentosas surgindo no meio, precisamos dar lugar de destaque para elas também. Eu tento fazer minha parte, fazer acontecer para mudar alguma coisa, tentar ajudar na minha cena minimamente. Hoje, sou curadora artística de um projeto muito bacana no Destrave Bar e no FAU, que é o Minas Manas e Monas. Trata-se de uma label que visa dar visibilidade para mulheres cis e trans da cena. Eu amo ouvir cada set, descobrir cada mina, a gente precisa fazer isso, pesquisar. Tem muita artista maravilhosa por esse Brasil.

Assista: Set de Elisa Amaral para Festival de Ativação Urbana

Nos conte um pouco sobre suas produções musicais.

A produção é ainda um caminho novo para mim, mas, tenho crescido bastante. Comecei a lançar minhas tracks em 2020 durante a pandemia, aprendi tudo com meu mestre Vallent e na AIMEC, mas continuo aprendendo sempre. A primeira, inclusive, a "Sax Beat", foi uma collab com ele e George Israel, ex-saxofonista do Kid Abelha, que é meu parceiro em diversos trabalhos também. Hoje tenho 4 tracks minhas rolando na rua, entre elas: "Back to the Old School" com Gow e as últimas são: um remix do hit "Se tá Solteira" com a DJ Francesca, free download no soundcloud e "Dreams", que acabei de lançar em collab com Vallent e a americana Anna de Ferran, que emprestou sua voz incrível, além da composição. Minhas produções são focadas mais na house music em geral, com bastante groove e melodias marcantes.

Ouça: Single "Dreams" de Elisa Amaral

Sim, nos conte tudo sobre seu último lançamento: "Dreams".

"Dreams" fala do fim de um ciclo e a busca urgente por renovação, vida nova. É quando finalmente percebemos onde estávamos de fato conectados na vida, tentando nos desvencilhar de um loop diário que não nos pertence mais. Essa track é muito importante para mim porque ela significa a virada e o momento na carreira que estou agora. Sentia falta de uma autoral minha que tivesse essa pegada de festival, rave, mais progressive house. Comecei a fazê-la junto com o Vallent, apenas instrumental, ainda não tinha a Anna na jogada. Apareceu uma oportunidade de mandar ela pra audição da Lemon Drops (gravadora do Kvsh) e, assim, fiz na cara e coragem. Para a minha surpresa, o Kvsh não só amou a track como convidou para assiná-la na gravadora dele, isso ao vivo pelo YouTube, foi incrível. Tinha acabado de perder meu pai, então foi uma luz no fim do túnel. Com isso, comecei o processo pela busca de cantoras para finalizar a track, e conheci a Anna, fiquei apaixonada pela voz e trabalho. E assim, Dreams ficou completa. Ela tem essa vibe de sonho e magia no ar no synth da track, é bem envolvente. Para quem ainda não escutou, Dreams está disponível em todas as plataformas digitais.

Assista: Elisa Amaral em trio elétrico da Deep Please Festival

Quais foram os momentos mais marcantes em sua carreira?

Com certeza o momento que estou vivendo agora está sendo incrível. Toquei na Deep Please, que é um grande festival no Rio, estando no line junto de grandes nomes como Felguk, Chemical Surf, Dubdogz, Meca... Fiquei muito animada! Dediquei-me à preparação de um set incrível para esse dia. Inclusive esse mercado de festival é algo que tenho me inserido bastante nos últimos tempos. Acho que o FAU, festival que também sou curadora artística, me abriu muitas portas pra esse mercado, que é o que eu de fato amo, "rave, pé no chão". Meu próximo desafio será o Up Club (label itinerante do Universo Paralelo) onde estou no line com grandes nomes como Bhaskar, Barja e Chemical Surf. Além disso, com certeza tive alguns momentos marcantes na minha carreira. Com certeza, tive alguns momentos bem marcantes na minha carreira, como tocar para mais de 10 mil pessoas na Praça Mauá no Wow Festival de Mulheres do Mundo, o convite para tocar no Nosso Camarote da Sapucaí também foi bem marcante, porque foi ali a virada de eu começar a ser vista por outras cenas do mercado e tocar em Amsterdam de fato no Supperclub e o Copacabana Palace, sendo residente de lá, fui um grande marco e uma super experiência para minha carreira.

Elisa Amaral
Fotos por Beto Roma.
Stylist: Bella Castro
Beauty: Alline Rosa.

Nos conte sobre o Universo do Music Branding e como tem sido sua atuação/experiência?

Entrei nesse universo do music branding há uns 5 anos, mas foquei profundamente nessa pandemia. O Music Branding é basicamente você dar a identidade sonora para a sua marca, uma estratégia de marketing sensorial, uma vez que a música cria vínculos emocionais com o público, é super importante. Ninguém quer estar em um lugar que a música não está agradável, certo? A música, inclusive, faz com que você fique mais tempo no estabelecimento. Assim, como as ideias e o posicionamento, a música também precisa ter a cara da marca, público que pretende atingir, etc. E todo um processo de criação mesmo para fazer esse trabalho, não é apenas selecionar várias músicas aleatórias ali. Hoje em dia, trabalho em conjunto com a Je Suis Music Branding atendendo alguns clientes, entre eles academias, marcas de roupa, restaurantes, etc. E eu amo, porque sou uma eterna pesquisadora musical.

Elisa Amaral
Fotos por Beto Roma.
Stylist: Bella Castro
Beauty: Alline Rosa.

> **Acreditem nos sonhos de vocês e façam aquilo com verdade no coração e com amor.**
>
> DJ Elisa Amaral.

Para finalizar, temos esse espaço livre para aquilo que gostaria de escrever, deixar uma mensagem, inspirar... É o espaço de Elisa Amaral mandando um recado:

Primeiro gostaria de agradecer pelo espaço aqui na revista, vocês são incríveis. E dizer para os leitores: acreditem nos sonhos de vocês e façam aquilo com verdade no coração e com amor, porque acredite, isso te leva a lugares que você nem imagina. A vida é breve, intensa e passageira, fazer valer a pena cada momento é um presente.

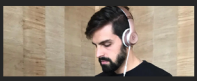
Assista: DJ Elisa Amaral - PodCast de Música

INSTAGRAM

SPOTIFY

SOUNDCLOUD

YOUTUBE



FRED RIGONI

Matheus e Kukua por @amaranttes.

REVIEW: As potencialidades do transcentralização efetiva

Nossa repórter **Kukua Dada** foi cobrir a première de um evento transcentrado, ou seja, focado e com a temática centralizada em existências transgêneras, o **Trava & Cia**.

Pérola Negra - Foto: Negro Du.

Segundo o organizador do evento, **Matheus Sotero**, o nome vem para trazer foco também à travestilidade, um segmento existencial específico de pessoas trans que têm sua luta na maior parte das vezes bastante invisibilizada.

"*Porque dentro da população trans, as travestys são mais marginalizadas e, como uma pessoa transcentrada que sou, eu preciso resgatar, né… A autoestima das meninas. E, nada mais do que digno e justo enaltecê-las*", comenta Matheus Sotero.

Matheus sempre foi um amante de arte e cultura, de também forma acadêmica. Quando, em seu passado, namorou uma cantora, o mesmo produziu um pocket show para ela e tomou gosto na produção de eventos.

"*Tenho um ano de transição, então eu tenho pouco tempo de transição… E para começar a aprender a lidar com isso e a enfrentar as pessoas cara a cara é muito… É um processo um pouco mais lento e individual… Tive que por essa parte até assumir e dizer assim: 'não preciso fazer alguma coisa'. Porque eu sou uma pessoa branca… Tido como branca, mas sou indígena… Mas, com privilégios que outras pessoas trans não têm. Então, preciso fazer alguma coisa pela minha população e não querer crescer sozinho*", comenta Matheus.

Quando um evento é organizado por um ser humano com consciência política, de classe, de acessos, de oportunidades sem que a mesma consciência esteja deturpada por questões emocionais ou egóicas, como nesse depoimento de Matheus, o evento tem mais probabilidade de ser verdadeiramente inclusivo. E nossa repórter, Kukua Dada, comprovou isso cobrindo o evento.

Nata, direto de São Paulo para Salvador. - Foto: Negro Du.

> **Foi muito bom ter me sentido bastante confortável numa festa noturna. Eu mesma disse ao organizador do evento. 'Foi a primeira festa assim que presencio, onde dava para contar nos dedos as pessoas cisgêneras (cisgeneridade), e não as pessoas trans (transgeneridade).**
>
> Kukua Dada.

Pérola Negra durante sua performance no evento. Foto: @amaranttes.

A ideia de Matheus é realmente expandir incluindo as existências similares a eles, homens trans, como por exemplo, Bernardo que tatuou pessoas durante o evento e, também, incluindo às travestys que ele afirma preferir se relacionar quando se afirma transcentrado. Pérola Negra foi uma das performers incríveis que prestigiou o evento com sua presença e lacre. Bruna Andrade, uma travesty com voz que alcança pós-margens, grande poetisa e performer, também, foi outra presença importante nesse evento. Por últimas, mas não menos importantes: primeiramente, a travesty DJ goiana com nome africano que nem o meu e que iniciou seu set trazendo uma vibe super aconchegante e incitando a galera a se socializar nas horas das danças interativas de Vogue, Odara Manicongo Laróyè e, segundamente e não menos importante, a travesty preta soteropolitana que vem conquistando seu espaço em várias festas boas em Salvador e é, inclusive, uma incrível rapper: Baddie Evylin.

Infelizmente, não foi um estouro de audiência de início (potencial enorme há para que estoure), mas o público que foi à festa foi essencial em cada uma de suas particularidades e individualidades. As quais, mesmo que diferentes em suas essências, se complementam no âmbito da potencialidade de diversidade e liberdade na estranheza que é a transgeneridade. Trava & Cia foi efetivamente uma transcentralização.

EVENTOS

DIVA NA POOL

Conheça a história de Josyane Abadia, a Diva por trás da POOL DA DIVA, evento beneficente que rola amanhã em Santa Teresa (RJ).

O nome dela é Josyane Abadia, natural de Patrocínio em Minas Gerais. Dona de um carisma e simpatia únicos, Josy, como é conhecida, comemora seu aniversário de 40 anos em grande estilo e quem ganha é o público. Ela promete muitas surpresas para a comemoração do seu aniversário, com a chegada da Pool da Diva, no próximo domingo, 1 de maio, no Rio de Janeiro. Mas antes de se jogar nessa estilosa pool party, primeiro, vamos conhecer um pouco mais, de toda a trajetória da Diva dos Gays?

> **“Aprendi muito com minha madrinha, parte dessa mulher guerreira e forte que sou hoje aprendi com ela.”**
>
> Josy.

Confira agora essa super entrevista que a Colors DJ realizou com a Josy:

Josy, você teve uma infância difícil, como a maioria dos brasileiros, conta para gente como foi esse período?

Não é nada fácil você do nada se ver sem mãe e sem família. Fui criada por uma família que, mesmo com toda dificuldade, deu um lar e estudos para mim e minha irmã, serei eternamente grata. Aprendi muito com minha madrinha, parte dessa mulher guerreira e forte que sou hoje aprendi com ela. Hoje, tenho total entendimento que tudo isso foi necessário.

Como você fez para enfrentar as dificuldades impostas pela vida?

Lutei, fui forte, mas mantive minha paz e amor ao próximo. Me apeguei a minha espiritualidade, o que me faz ter total entendimento das coisas, mesmo que difíceis, tudo tem um porque, sempre oro e entrego a Deus meus problemas, pois sei que a vontade dele sempre permanece.

Conta como foi a sua chegada ao Rio de Janeiro, o começo desse casamento que dura até hoje?

No início foi difícil, pois não tinha muito estudo e corri atrás. Terminei meus estudos, quando iniciei a faculdade, tive a oportunidade de conhecer mais pessoas que foram me ajudando a me adaptar. Daí, consegui meu primeiro trabalho, mas nunca pensei em voltar para Minas, pois sabia que ainda tinha muitas coisas para viver aqui.

Foi difícil largar toda sua vida em Minas para vir viver no Rio?

Não, pois não tinha grandes vínculos com minha família de sangue e já estava afastada da família que me criou. Minha irmã já estava morando aqui e achei que era a melhor coisa a se fazer.

Quando você começou a se interessar pelo mundo LGBTQIA+? Quem foi o responsável por te apresentar esse universo?

Tinha 3 vizinhos de porta que eram gays e que foram meus primeiros contatos aqui no Rio. Tínhamos uma boa amizade e eles foram muito importantes para mim, numa época que me vi sozinha. Logo depois, fui trabalhar em uma loja que o dono era gay e que me apresentou esse universo onde eu fiz muitas amizades que duram até hoje.

Josy e amigos. Reprodução: Reprodução/Redes Sociais.

Já na escola, você mostrava que era uma pessoa muito decidida e empática também. Na sua opinião, isso foi fundamental para você se tornar a Josy de hoje?

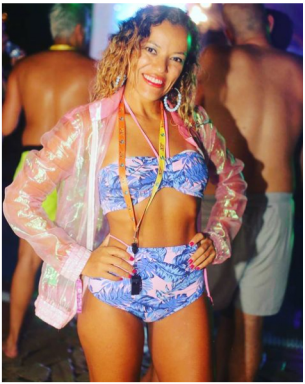
Acho que por ter sido criada sem pai e sem mãe me fez uma pessoa muito forte, pois era eu e Deus. Eu sempre tive isso muito forte em meu coração, procurei ser gentil, mas sem deixar que ninguém passasse por cima dos meus princípios. Por saber qual sentimento era, não ter alguém para cuidar de mim, fazia com que eu me colocasse no lugar dos outros.

> **“Meu sonho é este, poder ter minha ONG para ajudar crianças e idosos.”**
>
> Josy.

Você sempre ajudou e ajuda muita gente. Já pensou em montar um projeto social ou participar de algum? Se sim, que tipo de projeto você participaria?

Meu sonho é este, poder ter minha ONG para ajudar crianças e idosos, pois são os que mais sofrem nesse mundo, sempre falo que quando tiver oportunidade essa será minha prioridade.

Depois de estar vivendo algum tempo no Rio, voltou para um antigo trabalho, você se formou, conheceu muitas pessoas, fez grandes laços de amizade. Entrou cada vez mais nesse universo de eventos e festas LGBTQIA+. Conta como é essa sua relação com as festas?



Com o passar dos anos, eu fui conhecendo muita gente e isso me fez entrar cada vez mais neste mundo. Eu chego nos lugares, fico horas falando com a galera, escuto muitas histórias, dou muitos conselhos, pois sei que essa é umas das minhas missões. Faço isso com todo o amor. Tenho amizade com todos os produtores do Brasil, e é sempre muito maravilhoso sentir o carinho que eles têm por mim.

Você hoje trabalha fazendo vários tipos de comidas saudáveis, tem sua própria marca e leva seu trabalho para todos os lugares. Quando você tomou a decisão de montar seu próprio negócio?

A Befit começou em 2014 para acrescentar minha renda, mas, na época, eu fazia mais para meus amigos, usava o final de semana para cozinhar. Tinha um trabalho fixo num escritório em Copacabana. Já em 2016, fiz meu primeiro evento em uma Pool Party de um amigo e, daí, dei continuidade e percebi que as festas precisavam dessa área gourmet, pois não tinha nada para comer dentro dos eventos.

Em 2019, larguei tudo aqui no Rio e fui morar em Vitória que foi uma grande decepção, mas que me rendeu muitos frutos e, assim, voltei pro Rio. Estava decidida a montar minha empresa/marca para realmente ser um negócio de sucesso. Recomecei do zero, logo após veio a pandemia, as marmitas já não estavam saindo como antes, mas as portas dos eventos se reabriram para mim e hoje trabalho em vários eventos. Todos amam minha comida, faço tudo sozinha com muito amor, e sou grata por tudo que venho conquistando.

"Be-Fit". Reprodução: Reprodução/Redes Sociais.

> **"Eu achei que meus 40 anos mereciam algo muito especial e como o intuito não era fazer dinheiro, eu decidi ajudar alguém que precisa."**
>
> Josy.

De frequentadora das festas de música eletrônica LGBTQIA+, você está produzindo uma que se chama Pool da Diva, que celebrará o seu aniversário e também vai ajudar uma pessoa que precisa muito. Você pode falar para gente mais sobre essa ajuda?

A Pool Da Diva é um sonho de alguns anos, nem imaginei que seria assim tão rápido, mas após ouvir tantas pessoas falando para eu fazer minha própria festa, eu achei que meus 40 anos mereciam algo muito especial e, como o intuito não era fazer dinheiro, eu decidi ajudar alguém que precisa. Assim, eu colocaria na cabeça de todos que quando ajudamos alguém, nosso coração fica em paz.

Josy, como surgiu a ideia de realizar uma festa beneficente?

Já tinha ouvido a história da Dulce e se eu tivesse condições já teria ajudado há muito tempo. Então, quando cogitei fazer a festa, uma amiga me disse que já que eu estava fazendo uma festa sem intuito de ganhar dinheiro, que eu ajudasse alguém que precisasse e, na mesma hora, eu topei.

Conta para a gente como será essa festa. O que o público pode esperar da Pool da Diva?

A festa terá a temática Paris, que é meu grande sonho que eu um dia realizarei. Estou contando com a ajuda do designer de grande casamentos e festas, **Fábio Pires**, muitos DJs me deram esse presente maravilhoso, estou com uma "line de milhões" (risos). E o local da festa também é incrível. A festa será uma surra de vibes do início ao fim.

Você pretende continuar nesse mundo de produções ou ficará somente na Pool da Diva?

Pode ser que eu produza uma festa anual, com intuito sempre de ajudar quem precisa ou alguma instituição. Quero sempre ajudar de alguma forma quem está precisando de ajuda e o futuro a Deus pertence.

Como o público faz para adquirir um convite para sua festa?

Os convites estão à venda na plataforma da VAMO e também serão vendidos na portaria do evento.

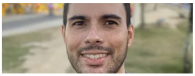
Aguardo todos vocês nessa festa, que só está sendo possível com a colaboração de todos.

É o que eu sempre falo: **"não sou eu que está fazendo essa festa, SOMOS NÓS"**.

Serviço

Evento: 100% open Bar
Local: Rio de Janeiro
Data: Domingo - 1 de maio
Horário: 10 da manhã
Ingresso: A partir de 150,00 mais taxas

Link: POOL DA DIVA.



ORLY FERNANDES

Som proibido nas praias do Rio

A Prefeitura do Rio por meio de uma decisão publicada no Diário Oficial do municpipio, nesta terça-feira (26), proibiu o uso de caixa de som ou qualquer tipo de amplificação sonora produzida nas faixas de areia nas praias da cidade. Desta maneira qualquer tipo som que cause poluição sonora será considerada ilegal. Mas vale lembrar que a decisão, só é válida nas faixas de areia onde as barracas estão proibidas e nas orlas colocar a música em volume alto, nos quiosques estão liberados.

O uso da música em alto volume só é permitida nas atividades desportivas ou de lazer com autorização da Prefeitura, conforme o decreto. Diante disso, os eventos autorizados pela cidade poderão contar com a amplificação sonora. Esta proibição já está em vigor, e também abrange as áreas de conservação de proteção integral sob a responsabilidade da Secretaria Municipal do Meio Ambiente.

O órgão responsável pela fiscalização é a Guarda Municipal e a penalidade é a apreensão do material utilizado, juntamente com um "termo de retenção de equipamento sonoro" emitido pelos agentes do órgão.

A decisão do prefeito Eduardo Paes (PSD) tem gerado polêmicas e dividindo opiniões nas redes sociais. Alguns usuários são a favor da apreensão dos equipamentos sonoros, pois o som alto prejudica o ambiente. Já outros usuários, defedem que a pessoa tem o direito de ouvir música em seu horário de lazer.

Fonte: Prefeitura proíbe uso de caixas de som nas praias do Rio | Rio de Janeiro |
O Dia (g.com.br)

ORLY FERNANDES

COLUNA

Papos Psicodélicos

"*Um bando de gente doida e uma música sem sentido*": quantos de nós, simpatizantes da música eletrônica, já não ouvimos essa frase? São muitos os que já se depararam com comentários cheios de julgamentos e preconceitos em relação a cena da e-music. A visão generalizada, simplista e a banalização dos movimentos artísticos e culturais perante ao senso comum, e grande parte influenciada pela grande mídia é algo que perpassa o Psytrance e, infelizmente, recaí em diversos outros nichos artísticos.

Lui Cavalcante no Festival Visionário em Bonito, do Coletivo BoiKOT.
Foto: Rodrigo Della Fávera.

É dentro desse contexto que, em 2019, surgiu o "Papos Psicodélicos" idealizado por Lui Cavalcante (25). Foi na pista de dança em uma festa na sua cidade natal, Recife-PE, que Lui, entregue às frequências do Psytrance, teve o insight (ou chamado, se assim pode dizer) de começar a dedicar o seu tempo e sua energia para construir uma comunidade em que pudesse abordar o vasto universo da psicodelia através de uma das suas maiores habilidades, a comunicação; e assim, desconstruir a imagem errônea que o movimento do Psytrance carrega na sociedade. Nesta mesma festa, Lui teve a oportunidade de dar o pontapé inicial à sua ideia, e, com ajuda de sua amiga, **Tália Maçaira**, entrevistou **Rica Amaral** (DJ), onde abordou o tema: "A semelhança entre festivais de psytrance e rituais".

Na época, estudante de Ciências Sociais pela Universidade Federal de Pernambuco, a multiartista encontrou no audiovisual a possibilidade de transcender sua visão de mundo e a forma como sente e vivencia a psicodelia no seu dia-a-dia. Desde então, dedicou-se diariamente em fortalecer o projeto com o objetivo de informar a matriz verdadeira do universo psicodélico, documentando e fomentando a troca de conhecimento com seu público. "*A partir do Papos Psicodélicos, minha intenção é manifestar para o mundo a minha forma de viver e de enxergar a psicodelia.*" (CAVALCANTE, Lui. 2020). Há 2 anos e meio, o projeto vem ganhando força nas redes sociais. Apenas nesse curto período de tempo, o **Papos Psicodélicos** traz em sua bagagem o filme "Coordenadas do Infinitos", produzido e editado por Lui: uma série de entrevistas com diversos nomes reconhecidos na cena do Psytrance como **Carolina Abreu** (antropóloga e pesquisadora na área), **Cláudio Prado** (produtor cultural e ativista da contracultura) e **Robson Honorato** (espiritualista e químico), além de artistas como **Elowinz**, **Nicolas** do projeto **Megalopsy** e o casal em **Sectio Aurea**.

Festival Visionário em Bonito, do Coletivo BoiKOT. Foto: Rodrigo Della Fávera.

Lui também realizou intervenções em festas Raves, workshops e a realização do curso online "A Bússola", formação voltada para quem almeja se aprofundar na história da contracultura, do psytrance e temas que tangem a temática da cultura psicodélica; nomes de peso como Cláudio Prado (Produtor Cultural), Megalopsy (produtor musical) e Tália Maçaira (artista visionária e empreendedora) compuseram o time de professores do curso.

Para Lui, a psicodelia é um substrato de tudo que existe (2020), ou seja, a cultura psicodélica não se resume apenas aos setores da arte e da cultura, mas também abrange outras esferas que influenciam o ser humano na sua construção enquanto indivíduo único e social, como espiritualidade e política, assuntos recorrentes em seu canal. Atualmente, a conta no Instagram já conta com quase 5 mil seguidores e vem crescendo a cada dia que passa. A realização desse sonho vem de encontro com a vontade de transformar o mundo através de um olhar mais sincero na forma como nos relacionamos com nós mesmos, com o coletivo e com o mundo. Sejam bem-vindos ao Papos Psicodélicos, nossa porta está aberta para vocês!

Assista: Teaser Papos Psicodélicos

PAPOS PSICODÉLICOS

Texto escrito por Yan Fernando, parceiro ativo no canal - Relações Públicas | Artista Visionário | Co-fundador do Coletivo Kamandra| Educador Cultural| Produtor de Conteúdo.

COLUNA

E aí? Cadê os pretos? Cadê as Trans? Cadê a diversidade?

Não é de hoje que sabemos que mais de 50% da população é negra e que somos o país número 1° que mais mata pessoas trans, travestis e trangêneros, e estas informações trazem a reflexão para o entendimento onde estão essas pessoas em clubs, baladas, festivais e, também, em pick-ups? A cada dia que passa falamos sobre diversidade, mas o preconceito aumenta e é mascarado no dia a dia para quem faz parte da comunidade LGBTQIA+ e da comunidade preta. Diariamente, é levantar a voz contra o preconceito e racismo.

Já parou para pensar em como o mundo gira em torno de políticas dominantemente conservadoras, onde a liberdade vira praticamente uma realidade difícil de alcançar?

Quando você pensa em música eletrônica ou nas pessoas que a amam, faça um exercício: feche os olhos e tente imaginar um lugar onde você possa desfrutar por algumas horas a liberdade, que é sua por direito, **para onde a sua mente te leva?** Talvez para muitos, a pista de dança seja a resposta imediata, mas **quantas dessas pistas são dirigidas por um DJ preto ou por uma DJ trans ou por um DJ trans preto?** Já analisou em **quanto essas pessoas estão marginalizadas e poderiam ocupar um lugar de destaque?**

Para a gente se contextualizar e entender, historicamente falando, a comunidade T (Trans, Travestis e Trangêneros) e a comunidade preta, sempre andaram em paralelo, por isso trago a vocês uma breve contextualização:

Após o período de **Stonewall** nos EUA, o período Disco dominava o cenário dos clubes da época, e eles eram um espaço seguro onde podia ser quem quisesse. Era uma sensação de liberdade de expressão, na época, talvez não era possível entender, mas hoje é possível ver que este período foi uma prévia de um mundo de inclusão do qual começava a existir. Um dos principais clubes desse período era o **GG Kickerbocker Barnum Room**, que funcionou no final dos anos 70, era um local onde a pista de dança era composta majoritariamente por transexuais americanas e latinas. O clube chegou a receber celebridades e tinha algumas atrizes, mulheres trans e musas inspiradoras que eram frequentadoras do club e foram responsáveis por levar diversas personalidades para as noitadas na boate, que tinha como protagonismo as apresentações artísticas de transexuais.

A legendária **Carmen Xtravaganza**, famosa pelas "batalhas de vogue", mencionou em seu blog de memórias: "*na época, as celebridades se misturavam com as frequentadoras nativas do clube e não se dava tanta importância à presença delas como acontece hoje em dia*".

Aqui no Brasil, entre 1971 a 1980, ainda no período da ditadura militar, ser LGBTQI+ era considerado "atentado ao pudor" e praticamente todo final de semana esse grupo de pessoas era perseguido pelo país dentro de clubs como o **NostroMundo** (São Paulo – 1971), **Flower's** (Porto Alegre – 1971), **New Aquarius** (Brasília – 1978) ou o **Misty** (Recife – 1979). Neste mesmo período, surgia no Rio de Janeiro o primeiro jornal LGBTQIA+ do país, o **Lampião da Esquina** (1978-1981). O tabloide trazia matérias, agenda de eventos, denúncias de repreensão policial e diversas colunas sobre a militância LGBTQI+ da época. O jornal foi um grande veículo de fortalecimento da cultura LGBTQIA+ do país e, consequentemente, da cena noturna, que estava diretamente ligada aos movimentos personalidades artísticas da época.

As travestis **Condessa Mônica** (dona do NostroMundo) e **Andréa de Mayo** (Prohibidu's club) foram figuras de extrema importância na cena paulista, onde acontecia o principal fluxo de boates nos anos 70 e 80. Frequentado por celebridades, como **Rogéria**, **Claudia Celeste** e **Roberta Close**, também ganhavam destaque nas principais emissoras do país através dos seus trabalhos como atriz e modelo, influenciando músicos e atores famosos da época. O documentário "São Paulo em Hi-fi", do diretor Lufe Steffen, traz uma aula e relatos dos clubes da cena paulista entre os anos de 60 a 80, e também da importância da comunidade T para o cenário de clubes e noite do Brasil.

A comunidade negra ao longo dos anos vem contribuindo fortemente, com gêneros musicais e artistas de suma relevância, mas para o cenário da música eletrônica. A Disco Music foi o portal de acesso para que novas tendências crescessem e se tornassem sucesso dos anos 70 e 80 nos EUA, considerado o precursor da música eletrônica, e, também, atribuímos o surgimento da House Music. O público era composto, principalmente, pelas comunidades LGBTQIA+, latina e negra dos Estados Unidos, residentes dos primeiros clubes de Dance Music de Chicago. Muitos até hoje atribuem o nome "house" a Warehouse Club, conhecido reduto onde o gênero explodiu.

A população negra foi fundamental para a construção da House Music, nomes como **Larry Levan**, **Tony Humphries**, **Marshall Jefferson** e **Derrick May** são exemplos de DJs que foram cruciais para a criação e crescimento do estilo. **Frankie Knuckles**, um dos pioneiros do gênero, é considerado por muitos como o pai da House Music. Além de **Grandmaster Flash**, o DJ inventor da **Quick Mix Theory**: conjunto de técnicas como double-back, back-door, back-spin, e phasing, onde o DJ maneja os vinis, para frente e para trás, em mixagens que permitem criar beats próprios.

No Brasil dos anos 1970, a comunidade preta paulistana fazia encontros no Viaduto do Chá para saber dos bailes que iam rolar no fim de semana, e o viaduto ficava tomado de ponta a ponta, que inicialmente começou na rua Direita e depois passou a se reunir no viaduto e migraram para as galerias da rua 24 de Maio na segunda metade dos anos 1970. Onde permaneceram até o começo dos anos 1980, quando a Polícia Militar começou a enfrentar a comunidade. Foi então que migrou para a praça Antônio Prado, e depois para a estação de metrô São Bento. A polícia atacava fortemente a comunidade preta nesse período e os brancos não se misturavam e nem frequentavam os bailes, porque o conceito para eles era: naquele lugar só tem ladrão.

Naquele período de cisão entre brancos e negros, vestir-se bem e manter o cabelo impecável, eram práticas decorrentes do preconceito racial: o negro deveria andar alinhado para não ser visto como maloqueiro, como bandido.

A House Music chega no Brasil no final dos anos 80 e era pejorativamente chamado de "poperô", a House logo desponta e se torna sucesso nacional, com maior impacto nos grupos LGBTQIA+. Outro destaque é como a House Music é recebida pela população negra da época: ao ser importada pelas elites, o gênero passa a ser visto como "música de playboy", um questionamento cheio de problemas analisando profundamente suas origens.

Dessa forma, todos os artistas considerados fundamentais para o surgimento da House Music são negros, mas ao ser disseminada pelo mundo, o estilo acaba intermediado pelos brancos de classes sociais mais altas, trazendo o reflexo das desigualdades raciais e do processo de descaracterização das culturas. Por isso, a reparação histórica e protagonismo para a população negra, e a outros grupos marginalizados socialmente no cenário da música eletrônica merece a relevância e contribuição destes para a construção da House Music, que significa um ato de resistência.

Diante de todo esse contexto histórico, com tantas travestis, transexuais diretamente ligadas a construção da cultura de pista de dança, **por que hoje em dia temos um esvaziamento destas pessoas em eventos como festivais, festas e clubes? Seria uma apropriação massiva cisgênera, heterossexual e branca em absolutamente todos os meios de produção, artístico e financeiro de uma história que tem suas raízes fincadas na cena Negra e, também, LGBTQI+?**

Já parou para pensar sobre isso quando você vai nos seus festivais e festas favoritos de música eletrônica?

Com um pouco dessa contextualização histórica, acredito que você consiga reparar e começar a pensar diferente. Você, ao menos, **já procurou entender de onde veio e qual é base do gênero musical que você curte?**

A cultura rave e os anos 90, sem dúvida, teve uma importância fundamental na criação de novos gêneros, artistas, clubes, bandas e personalidades da cena eletrônica. Sua contribuição na história é incontestável. Mas nas raves, a música eletrônica voltava a retomar a um espaço de destaque, e trazia um pensamento que apagava e distanciava de lutas importantes que sempre estiveram ao lado da música eletrônica. Podemos chamar de uma gentrificação de raça, gênero e sexualidade nos principais clubes e eventos do segmento. A Dance Music voltava ao topo no final dos anos 90, mas a história e seus criadores ficaram no underground. Em paralelo as raves, movimentos racistas advindos dos anos 80, somado com a epidemia da SIDA (AIDS) e as políticas anti-LGBTQIA+ foram ações que marginalizaram os negros e a comunidade LGBTQIA+. Por isso, **como podemos aceitar que um movimento que tinha como protagonismo diversas minorias, principalmente pessoas da comunidade T e da comunidade preta, desviou-se para um caminho tão distante das suas origens?**

Nesse traçado histórico é visível que a opressão sexista, racial e governamental sofrida pelas minorias tornou possível a existência da música eletrônica. Pautas importantes deixaram de ser reforçadas para dar lugar a uma fala mais coletiva e humanitária, e no final, não abrangia a todos e era esquecida no final de cada evento. Não se pode deixar de observar o direcionamento comercial que foi dado a Dance Music ao chegar nos países europeus.

Ibiza, por exemplo, nunca foi um local diversificado e foi a partir do que acontecia lá que muita coisa se espalhou por diversos clubes, eventos, produtores de eventos, festivais e artistas na Europa.

A representatividade e diversidade em festas de música eletrônica sempre são assuntos recorrentes nas pistas de dança mais populares do Brasil e do mundo, mas de verdade, ela está há milhas de distância de realmente ter uma reparação histórica a comunidade negra, a comunidade LGBTQIA+, principalmente para pessoas transexuais e travestis.

Aqui no Brasil, temos uma crescente de artistas e DJs tanto da comunidade preta como da comunidade T (Trans, Travestis e Trangêneros), mas todo esse processo ainda acontece grande parte em um cenário underground. Os grandes festivais e clubes de música eletrônica do país e do mundo continuam a reforçar modelos de line-ups misóginos, sexistas, preconceituosos e muitas vezes que se prendem ao óbvio, mesmo tendo algumas exceções, que trazem alguma resistência em uma indústria que continua ignorando uma dívida cultural, financeira e social com estes grupos.

Hoje, é perceptível ver line-ups e até pistas de danças mais diversas, com uma possível reparação, mas totalmente incompleta e com muitas lacunas abertas. A estruturação cis-heteronormativa e branca não tem fácil aceitação para sair do centro dos holofotes e pensar em estratégias na inserção de todos os corpos na cena. Tudo o que se configura como entretenimento hoje, também enxergamos como um local para encontros, expressão artística e posicionamento político, mas ainda não o entendemos, ou pelo menos não damos a real importância de onde surgiram as raízes e a relevância de tudo que chamamos de cena de música eletrônica. E tudo isso se materializa na hierarquização, na desvalorização monetária e na falta de reconhecimento de suas raízes, das artes e dos serviços.

Em um lugar como o Brasil, o país que mais mata pessoas transexuais e travestis no mundo, e com uma quantidade absurda de racismo, os discursos de inclusão levantados pelos eventos de música eletrônica precisam ir além de uma lista trans free e de cotas. Cuidar do bem mais valioso de uma pista de dança, requer espaços e pessoas que garantam espaços mais seguros dentro em eventos, festivais e clubes com foco e dando luz às individualidades de cada um, principalmente com profissionais de todos os setores que saibam receber estes corpos.

Volto a dizer que é necessária uma reparação histórica de gênero e raça com foco em pessoas e, não na representatividade preocupada com lucratividade e com o fomento e protagonismo em datas e situações, somente para ser e estar dentro do politicamente correto e em busca de engajamento.

Aos profissionais envolvidos com eventos, festas, festivais e cenário da música eletrônica, deixo uma pergunta e uma reflexão: **já pensou em reparar historicamente dando acesso e abertura à comunidade LGBTQIA+ e a comunidade preta?**

Já viram quantos artistas estão dentro de seus line-ups?

O que esperar do futuro e principalmente do agora das pick-ups e pistas de dança?

THIAGO TORRES

COLUNA

A espinha dorsal do Psytrance: Capítulo II SPankartZ

Série de entrevistas sobre a estrutura e a montagem de festas e festivais de Psytrance BR, trazendo: SPankartZ - Uma realidade lúdica na bioarquitetura do Trance mundo afora

Hey, COLORS! Dando seguimento a série de entrevistas sobre a estrutura e montagem de festas e festivais de Psytrance BR – "**A espinha dorsal do Psytrance**" – que tem como foco mostrar a caminhada de alguns profissionais brasileiros que vêm fazendo a história da montagem ser atrelada a bioconstrução na prática, abrindo um importante espaço para o conceito de sustentabilidade através da capacitação profissional de suas equipes, na construção das maiores festas e festivais de Trance do Brasil, lhes apresento a partir de agora o segundo capítulo...

Natural de Cotia (SP), **Rodrigo Gonzalez** (filho de imigrante uruguaio marceneiro e restaurador, que migrou para o Brasil devido às represálias pós ditadura militar), popularmente conhecido na cena Trance como **Gonza**, é o "linha de frente" do grupo **SPankartZ**, especializado em bioarquitetura e instalações artísticas qualificadas e diferenciadas, para a estrutura e montagem de diversos eventos Trance pelo mundo, como: **Pulsar Festival** (Minas Gerais, BR), **Anacã** – Arte, Cultura e Sustentabilidade (São Paulo, BR), **Katayy Festival** (São Paulo, BR), **Universo Paralello Festival** (Bahia, BR), **Terra em Transe Festival** (Bahia, BR), **Ecologic Festival** (Espírito Santo, BR), **Kundalini Festival** (Rio Grande do Sul, BR), **Soulvision Festival** (São Paulo, BR), **Respect Arte e Cultura** (São Paulo, BR), **Boom Festival** (Idanha-a-Nova, Portugal), **Fusion Festival** (Lärz, Alemanha), **Freqs of Nature** (Niedergörsdorf, Alemanha), **Wao Festival** (San Venanzo, Itália), **Goa Gil** (edição Berlim, Alemanha) e **Goa Gil Edição Brasil**, **Amazonas Andes Festival** (Isla Del Sol, Bolivia), **Kamala Festival** (Rocha, Uruguai), entre outros.

Além de importantes eventos na cena Psytrance, o grupo SpankartZ também já atuou em eventos como: **Verão Lovina** (Paraíba, BR), **Carnaval do Bem** (Minas Gerais, BR), **Festival R.U.A. - Recife Urbana e Arte** (Pernambuco, BR), entre outros.

Atualmente morando em Lisboa (Portugal), Gonza conversou comigo sobre a sua trajetória, enfatizando os reais motivos em apresentar um modelo peculiar e um tanto qualificado na mão de obra da bioarquitetura do Trance, representando o Brasil mundo afora.

Confiram, amigos…

Gonza, como começou a sua caminhada na bioconstrução com a SPankartZ?

Minha história começa com um luto. Eu perdi o meu pai em 2010 e, nessa época, eu trabalhava em empresas metalúrgicas, com funções sempre relacionadas a altura. Eu complementava a minha renda trabalhando em buffets de eventos sociais (casamentos e afins) aos finais de semana. Comecei como carregador e, com o passar do tempo, fui me interessando pelas decorações. Vendo um amigo que começou a produzir decorações com lycra para casamentos e festas de debutantes. A partir daí, iniciei como auxiliar e, após, comecei a fazer arranjos de flores para casamentos, festa de debutantes e cenografia para rodeios na minha própria cidade.

A minha "onda" com eventos começou quando eu tinha uns 15/16 anos. Nessa época, eu já frequentava festas de música eletrônica como admirador e por muitos anos foi assim: eu fazia uma grana extra nos eventos sociais para poder curtir as festas de música eletrônica.

Meu pai veio de outro país e, então, eu conhecia apenas a minha cidade e o centro de SP, ou seja, até então, eu não havia saído deste eixo.

O circuito de festas Trance em SP era muito legal e minha cidade é privilegiada por conta da rodovia, por possuir muitas chácaras e por isso muitas raves aconteciam lá, na região de São Roque e Raposo Tavares, saca?

Fiquei tão chocado com a situação do meu pai quando ele se foi, que fui em busca de algo que fosse melhor para minha vida, fora das empresas metalúrgicas e em 2011 passei a pensar em decorar os eventos de Psy, inicialmente como voluntário, o que me fez conhecer a **Nena Alava** e, então, eu passei a trabalhar nas festas que eu frequentava, como **Tribe**, **XXXperience**, **Kaballah**...

Desta forma, fui fazendo conexões, investindo em equipamentos de segurança, pois vi que tinha muito trabalho em altura e eu tinha experiência com isso, por conta das metalúrgicas, né?

As primeiras festas onde trabalhei exigiam equipamentos de segurança. Com isso, pensei que poderia dar um passo a mais, o que fez eu me destacar um pouco neste mercado de festas grandes. Em 2012, eu tive a minha primeira conexão com o bambu, no **Aho Festival** (SP), onde eu participei da montagem, através da Nena. Foi lá onde eu me conectei as minhas maiores influências: Nena Alava, **Jovemario Conceição (Jojoca)**, **Rodrigo Miranda (Careca)**, **Juliano Cenci**, **Fernando do Valle (Faraoh)**, **Eliézio Sousa**, **Girafa**, **Lila Prasada** e **Gugu Costa**. Desta forma, tudo começou a evoluir e na sequência eu fui convidado para trabalhar no **Zuvuya Festival** (GO), onde eu tive uma excelente oportunidade e a partir daí a coisa não parou mais! O Aho Festival foi uma conexão muito importante, pois tinha gente do Brasil inteiro conectado naquele grupo.

Cara, em 2014 fui convidado para trabalhar na montagem do **Boom Festival** (Portugal) pela primeira vez, atuando na construção do Chill Out, com uma equipe de brasileiros.

Após o festival, rolou a desmontagem e eu tive a conexão com o bambu por lá também, e isso foi um salto quântico, pois eu não imaginava que de 2011 até 2014 fosse rolar tudo isso na minha vida. Foi muito massa sentir que confiavam na segurança do meu trabalho. Essa foi a primeira experiência fora do Brasil, fazendo decoração no Trance.

Na volta do Boom, em 2015, eu voltei maravilhado com a estrutura gigante da montagem, o tratamento muito humano entre as pessoas e tudo funcionando "redondo". Eu percebi que era algo realmente muito funcional. Eu considero essa experiência no Boom como uma faculdade.

Após o Boom eu fui trabalhar no **Terra em Transe Festival** (BA), onde eu conheci o **Rafael Silva**, o vulgo **Lostinho** e o **Vinicius Mazargão**, o lendário **Macgyver**. Fomos em 5 pessoas para trabalhar neste festival.

Tiveram vários problemas na montagem deste festival e eu estava prevenido diante de tal situação. Por isso, nós enquanto grupo tínhamos uma reserva de grana de um trabalho anterior, que foi destinada para uma pequena compra de alimentos, para sanar o problema da produção nessa questão e a nossa reserva de alimentação/sobrevivência não acabar. Neste momento eu pensei que seria louco ter um grupo, uma galera, ferramentas, carro etc. Então, quando retornei da Bahia, fiquei com isso na minha cabeça.

No **Soulvision Festival** (SP) do mesmo ano, eu estava curtindo, e um amigo nosso, o Espanco Live, estava dançando muito, espancando na pista, saca? E foi a partir disso que eu comecei a pensar no nome da empresa. Pensei: a gente espanca na arte então! Haahahahahah!

O nome SPankartZ ficou "hard" por fazer jus ao empenho da galera, né?

Depois disso eu conheci o **Jojoca** (**Gênesis Bioconstrução** – GO). Até então eu só conhecia a lenda dele, que foi no **Aho Festival**, onde tivemos pouco contato. No **Shivaneris Festival 2015** (SP), foi onde eu tive a graaaaaaande oportunidade de conhecê-lo de fato. Ele deu uma aula de bambu pra gente, falou coisas que a gente nem imaginava sobre a colheita e tudo mais. O Jojoca é o coração de um festival!

E foi assim que começou a história da SPankartZ no Brasil e no mundo afora.

Assista: Teaser Bio-arquitetura e Design

Montagem XXXperience 2014 - acervo pessoal

Rodrigo Gonzalez e sua mãe, Cidinha Silva - acervo pessoal

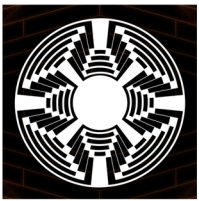
Decoração com lycra para casamento e festas de debutantes, ano de 2012 - acervo pessoal

Como é o trabalho na SPankartZ?

Eu convidei os meus parças, Lostinho e o Macgyver, para fazerem parte do grupo e iniciamos como SpankartZ. Hoje somos um grupo de 18 pessoas espalhadas pelo mundo, qualificadas em cursos voltados para segurança do trabalho, como: segurança em acesso por corda e elevação de cargas e piloto de plataformas elevatórias. Viemos num fluxo de produzir os nossos projetos pessoais, onde eu crio o projeto e os amigos avaliam a possibilidade da construção, pois nada depende apenas da minha intenção. Existem também os projetos mais ousados, onde é necessário mão de obra qualificada, como trabalho em altura, ferramentas especializadas e afins. Desta forma, conseguimos atender os nossos projetos e as propostas de outros artistas. Assim, a gente atende de forma diferenciada todos os estados do Brasil e alguns países do mundo.

Logo SPankartZ

Da esquerda para direita - Luiz Fernando Halat, Gonza, Lostinho, Juliano Cenci e Macgyver - acervo pessoal.



Gonza e Lostinho em Montagem Boom Festival 2016, por Pierre Ekman.

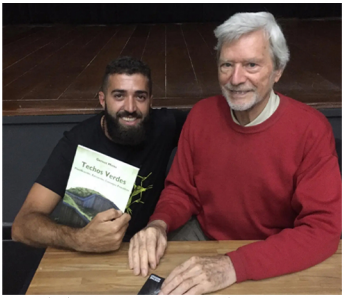
Parte da equipe SPankartZ - acervo SPankartZ.

Da esquerda para direita - Gonza, Para+iba, Lostinho, Samuel e Thiago - acervo pessoal.

Paralelo às minhas criações, eu sempre estudei bioarquitetura por causa do bambu, que é a matéria prima principal do nosso trabalho e também estudei outras coisas, como tração para criação de tendas, a elasticidade dos tecidos, para criar com beleza, aerodinâmica e segurança.

Da esquerda para direita - Bruno Sales e Lucio Ventania. Dois mestres brasileiros da arquitetura com bambu.

Tiba Rio curso com Jorg Stamm - acervo pessoal.



Gernot Minke, alemão mestre em arquitetura sustentável.

Jorg Stamm, alemão mestre em arquitetura com bambu - acervo pessoal.

Johan Van Lengen.

O nosso desafio desde o início sempre foi não repetir o projeto. Ele pode ser semelhante, mesclar técnicas, mas nunca ser igual. Por isso, algumas vezes, rolam questionamentos da parte contratante, pois os nossos projetos demandam materiais novos que implicam num investimento considerável, mas que não ficam conosco, ou seja, o contratante paga por um material novo que é dele. Desta forma ele pode reutilizar o material com novas formas, aplicando o conceito de sustentabilidade.

Essa nossa metodologia deixa os nossos orçamentos maiores do que os demais, então a gente sempre teve que fazer muitas manobras para o trabalho ser funcional mensalmente, como a engrenagem de uma empresa, que foi feita para manter eu e minha equipe, que também são meus amigos, para também fortalecer o contato entre as nossas mães, fortalecendo um grupo familiar. Por isso, a preocupação em manter uma rotina é o que mais faz até hoje investir em ferramentas e afins, pensando em ter um espaço onde a gente possa criar. Então, criamos um meio do grupo estar presente em todos os eventos. Procuro sempre focar no grupo SPankartZ em si, para podermos ter a representatividade de todos nos projetos executados.

Até hoje viajamos com projetos em 13 estados brasileiros e 7 países diferentes, criando nossas artes ou complementando outras equipes. Nunca imaginei que um dia eu poderia trabalhar em festivais como o **Boom Festival** (Portugal), **Fusion Festival** (Alemanha), **Freqs of Nature** (Alemanha), **Goa Gil** edição Alemanha (Berlim) e Goa Gil Edição Brasil. Foi e sempre será muito importante.

Assista: Festival de Verão Lovina

Montagem Boom Festival 2018, por Gonza.

Montagem Freqs of Nature 2015
Torre colab SpankartZ por Aleinwonderland

Montagem Lovina 2019, acervo SPankartZ

Montagem Lovina 2019, acervo SPankartZ

Amigo, gostaria que você contasse um pouco sobre a trajetória da qualificação profissional da sua área no Trance.

As festas grandes de São Paulo que citei anteriormente, como Tribe, XXXperience e Kaballah, sempre fizeram o uso de EPIs em suas equipes, devido às fiscalizações rigorosas. Paralelo a isso, no Trance, essa questão ainda não era muito ativa, pois é uma cena muito underground, feita na "raça". É difícil demais fazer uma festa aqui no Brasil, pois exige locação de equipamentos e ferramentas, mão de obra, logística complicada, pelo fato da maioria das festas serem distantes dos centros urbanos. É tudo feito do zero, ou seja, é um investimento muito alto!

Contudo, atualmente percebo que a situação melhorou bastante, principalmente a nível de projetos e os orçamentos que são destinados às equipes de montagem e estrutura. Antigamente não era assim, saca? No passado me vi em situações onde a produção não tinha ferramentas funcionais, como tesoura, alicate e afins. Era uma falta de retorno muito grande, até que as festas começaram a ter mais visibilidade e consequentemente, mais público. Com isso, as produções começaram a perceber que era importante também conseguir investir numa estrutura que fosse mais ágil para montar, ou seja, está rolando uma profissionalização da cena Trance, até a nível de fiscalização, o que provoca um movimento natural na busca por uma melhor capacitação profissional, com equipes independentes que possuam suas próprias ferramentas. Isso tem um custo alto, pois essas ferramentas precisam de manutenção constante etc. Por isso, eu entendo o motivo do Trance ser visto anteriormente como algo tão arcaico. Hoje em dia, os trabalhadores de estrutura e montagem do Trance estão sendo enxergados como profissionais, afinal, somos grupos de cenografia, tá ligada?

De 2015 pra cá, muita coisa evoluiu no Trance. Esse lance que eu trouxe das festas comerciais, de trabalhar com equipamentos de segurança, me deu a possibilidade de aplicar isso nos vários grupos que eu faço parte aqui no Brasil. Os grupos de estrangeiros (**Artescape** – África do Sul / **Vortex Trance Adventures** – África do Sul) que vinham para atuar no Psytrance do Brasil, por exemplo, eu dei sorte de atender. Eu conversava via google tradutor e foi ali que eu comecei a ter uma noção do que é falar inglês. Trabalhar com a galera gringa me fez perceber que para eles era muito importante a função de todos, não apenas dos artistas. Não rola uma diferença entre as pessoas que montam o festival e os DJs que se apresentam, saca? Com isso, começamos a quebrar esses paradigmas de diferenças e hierarquias que existiam com força aqui no nosso país, como por exemplo, o produtor do evento que hoje em dia senta à mesa junto de todos os trabalhadores para comer a mesma comida. Anteriormente, quantas vezes eu vi produtores de festa saindo de churrascarias "palitando os dentes", enquanto as equipes de montagem comiam arroz, feijão e salsicha… Isso era chato de ver, saca? Então, devido à minha trajetória nas festas comerciais, de não rolar este tipo de situação desagradável e todos sempre tratados igualmente, eu comecei a exigir uma atenção melhor na questão da alimentação e foi assim que tudo começou a mudar.

Entre nós enquanto grupo, tínhamos uma reserva de grana para completar a alimentação, como por exemplo: comprar um achocolatado, um queijo… E isso começou a expandir entre os outros grupos ao ponto dos produtores começarem a observar este nosso tratamento de dividir entre nós mesmos o nosso ganho e assim, passamos a ter um tratamento melhor das produções com relação a isso. Atualmente, onde o grupo atua não temos o que reclamar da alimentação, por exemplo.

Molecular Stage Pulsar Festival 2015, por Rodrigo

Molecular Stage Pulsar Festival 2015, por Rodrigo

Molecular Stage Pulsar Festival 2015, por Rodrigo

Montagem Chill Out Ecologic Festival 2016 - acervo pessoal

Montagem Chill Out Ecologic Festival 2016, por Interfaces

Além das dificuldades que você citou acima, me conte outras que sempre serão impactantes na sua caminhada.

Estar muito tempo longe da família é algo bem difícil por conta do emocional, sabe? Eu sou filho único, não tive uma realidade de renda ideal para eu e minha mãe, pois hoje somos só nós dois. Depois que meu pai partiu deste plano, eu tive que virar o alicerce da a casa, ou seja, cumprir a função do meu pai. Com isso, eu **busquei** dar uma vida melhor para minha mãe através do meu trabalho nos eventos. Eu vi que eu ganhava mais do que antes e tinha uma liberdade maior, apesar de viajar praticamente o tempo todo. Ossos do ofício!

As condições climáticas de alguns locais onde rolam os festivais também fazem o trabalho ficar muito difícil. Certa vez pegamos ventos de 110km/hr em Urubici (Santa Catarina), na montagem do **Revolution Festival 2015** (SC). Essa foi a mais difícil em questão de clima, pois houve chuva da montagem até a desmontagem do evento. Eram ventos muito fortes. Puuuunk!!!!!!!!!

A falta de segurança na questão dos pagamentos é algo que nos preocupa sempre também. Atualmente, a maior dificuldade que nós, trabalhadores do Trance encontramos na nossa caminhada, foi a pandemia de coronavírus que afetou o mundo inteiro, principalmente o setor de eventos. Nunca vivi nada semelhante, saca?

Assista: Teaser Anacã Ritual

Citando o caso do **Anacã - Arte, Cultura e Sustentabilidade** (SP) (ano de 2020), por exemplo, evento onde estávamos montando quando a pandemia deu início aqui no Brasil. Além do investimento do produtor, eu enquanto SPankartZ fiz um outro investimento num projeto de obra de arte visionária, com a intenção de bater um recorde de altura, numa estrutura de 27m de altura, ou seja, entrei de cabeça também como um investidor do evento em si, que é algo que pretendo levar para frente, pois quero fazer parte do investimento do evento, para poder produzir as minhas artes com o meu próprio material, pensando na sustentabilidade de toda matéria prima utilizada.

Bom, três dias antes do evento começar, a Prefeitura local junto com a Polícia nos enviaram uma mensagem avisando que deveríamos desmontar tudo que já tinha sido montado e retirar todo material no prazo máximo de 2 dias.

Isso me deixou maluco, sabe? Fui parar em casa com duas cargas de bambu e sem o orçamento que foi fechado pago, pois o evento não pôde ser realizado porque o mundo havia parado por causa do vírus. Fiquei triste ao ponto de ficar deprimido, mas, graças a Deus, pude contar com a força da minha mãe, que me colocou no eixo novamente e exigiu que eu me dedicasse a construir algo com que tínhamos na mão: o bambu e a terra onde a gente mora. E foi a partir desta dificuldade que eu dei início ao projeto do SPankhouse, saca?

Montagem Boom Festival 2018, por Gonza

Montagem Molecular Stage Pulsar Festival 2016, por Rodrigo

Molecular Stage Pulsar Festival 2016, por Rodrigo

Molecular Stage Pulsar Festival 2016, por Rodrigo

Molecular Stage Pulsar Festival 2016, por Rodrigo

Conte um pouco o que é este projeto do SPankhouse, Gonza.

No terreno da minha casa em Cotia (SP), temos uma área que não estava sendo aproveitada, então conseguimos construir uma oficina, um espaço onde a gente possa criar novas ideias e consequentemente, novos projetos. A ideia é criar um coworking que fornece ferramentas para as pessoas interessadas, para que elas criem os seus projetos também, para além do nosso grupo em si.

Este momento da pandemia me fez pensar assim, pois eu vi muitos amigos tendo que desfazer de suas ferramentas de trabalho. Estou procurando pensar num futuro a partir desta realidade difícil que todos estamos vivendo.

O foco do SPankhouse é criar um ambiente onde a gente possa criar todos os tipos de arte que evolvam um evento. Um espaço onde as pessoas possam ministrar cursos de capacitação profissional e workshops para todas as áreas do Trance. O projeto está em andamento.

O que mudou até hoje na sua caminhada, digo em relação aos conceitos da sua área de bioconstrução e estrutura e montagem de eventos no Trance?

Anteriormente eu pregava uma realidade efêmera, que era construir e destruir as estruturas dos eventos e atualmente vejo que existe muito mais o valor em construir de forma permanente. Um pouco mais detalhado e demorado, com um compromisso maior, entre acabamentos e afins.

Hoje vejo uma outra possibilidade, onde as pessoas que atuam no Trance há algum tempo irem em busca de novos objetivos, que sustentem outros ideais para além da cena, pois é natural querer alcançar novos nichos de mercado.

Me conte um pouco dos projetos da SPankartZ fora do Trance.

Já faz algum tempo que eu ajudo outras equipes de bioconstrução fora das festas, para a construção de estruturas com períodos menores de duração, usando bambu sem tratamento para galpões funcionais e construção de casas. Todo investimento que eu fiz em cursos me possibilitaram atuar fora da cena Trance. Em Caraíva (BA), construímos espaços para cursos, workshops, vivências e oficinas. Com este trabalho, tivemos a oportunidade de quebrar alguns paradigmas, com novas matérias primas, novas ferramentas e os desafios das intempéries dos locais onde não estávamos habituados a trabalhar.

Em 2018 fui convidado pelo renomado professor e especialista em bambu, **Ludovico Beraldo** e a doutora em Engenharia Civil e Mestra em Arquitetura, a professora **Ana Harris**, a ministrar uma oficina de geometrias em bambu, no workshop: Arquitetura em Bambu, na **Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo da Unicamp, SP**.

Montagem Chill Out Kundalini Festival 2017, por Interfaces

Chill Out Kundalini Festival 2017, por Interfaces

Montagem Molecular Stage Pulsar Festival 2017, por Interfaces

Montagem Pulsar Festival 2017, por Interfaces

Molecular Stage Pulsar Festival 2017, por Arte Visual

Molecular Stage Pulsar Festival 2017, por Interfaces

Gonza, você está vivendo uma temporada na Europa desde junho de 2021, né? Me conte um pouco o que você tem feito por aí, por favor.

Minha ideia é vivenciar na Europa e comunicar os meus amigos e amigas produtores de eventos do Brasil como caminhava essa estranha tentativa de voltar a realizar eventos.

Assim que cheguei em Portugal, recebi convites de produtores e cenógrafos de eventos, para atuar na reabertura das festas Trance na Europa. Prevendo este retorno da temporada europeia, alinhei um projeto onde pudemos criar uma tenda e palco chamada timelapse.

Passei pela reabertura de lounges na França e dos primeiros festivais de Trance na Alemanha e Bélgica, pós primeira onda de Covid e, por isso, estive por dentro de minuciosas operações de fiscalizações sanitárias em busca de um caminho seguro, para trazer de volta os eventos ao público.

Vivi a realidade de atuar em festivais com 5 dias de duração onde éramos obrigados a fazermos testes supervisionados por Entidades Públicas, para controle da proliferação do vírus e com isso, muitas pessoas eram "barradas" nas portarias. DJs famosos, de gravadoras importantes, tendo que ser substituídos por estarem infectados, ou seja, uma verdadeira loucura, sem distinção de raça, credo, classe social, idade e gênero.

Isso começou em Junho de 2021 e foi assim até Novembro do mesmo ano, quando tudo voltou a ser cancelado e fechado na Europa novamente, devido às novas variantes do coronavírus. Em Dezembro tivemos o lockdown completo.

Por fim, atualmente estou em Portugal e fazendo um novo planejamento para o verão deste ano (a partir de junho de 2022), onde muitos eventos estão planejando voltar com força total, pois na primeira onda tivemos apenas eventos pequenos, com uma média de 3 a 4 mil pessoas que se arriscaram em tentar.

Boom Festival (Portugal), **Antaris Project** (Alemanha), **Fusion Festival** (Alemanha) e **Space Safari** (Bélgica) confirmaram as minhas contratações.

Montagem Molecular Stage Pulsar Festival 2018, por Interfaces

Molecular Stage Pulsar Festival 2018, por Ana Quesado

Oficina de geometria em bambu - Unicamp

Oficina de geometria em bambu - Unicamp

Oficina de geometria em bambu - Unicamp

Uma mensagem importante para este momento, amigo.

Gostaria de agradecer a oportunidade que vem sendo dada aos grupos novos do Brasil nos últimos 5 anos. Está rolando um alto grau de entrega das equipes. O tratamento dado à galera de montagem atualmente, faz com que os trabalhadores fiquem mais engajados, pois estão sendo tratados com o devido respeito.

Minha busca é: Vamos viver cada um do seu trabalho em si, galera. Vamos melhorar a condição dos trabalhadores que se doam com afinco, pois isso é muito importante!

Para a galera que está chegando agora: apostem, pois estamos aqui sempre procurando fazer o nosso melhor. Vocês não imaginam tudo o que a gente passa para poder atendê-los com excelência. Fazemos a montagem dos eventos de Trance para dar toda a segurança que vocês precisam.

Galera, comprem o ingresso antes, ajudem o evento acontecer, pois a gente faz isso com amor e carinho. Fortaleçam o meio, para que assim, possamos ter a segurança de todo investimento que é feito.

Procurem se informar sobre as festas novas, para não investir numa furada, tanto os novos investidores quanto o público que vai para curtir.

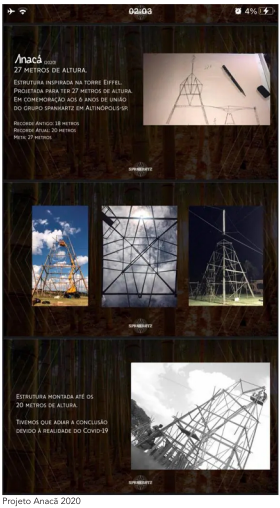
Assista: Timelapse Portugal 2021

Ahhhh, foi ótimo. Eu amei bater esse papo com você, amigo. Muito obrigada!

Tamo junto, parceria! Obrigado pela confiança, amiga. Vamos que vamos!

SpankartZ. Just do it!

"O conhecimento retido gera a estagnação da evolução, assim como o ego burro te tornas cego e o impede de captar e compartilhar. Logo, a matéria se vai e o conhecimento se dissipa".



Projeto Anacã 2020

SPankhouse - acervo pessoal

Buri Sushi - acervo pessoal

Projeto Timelapse, por Gonza

BIANCA MOTTA

COLUNA

CENÁRIO UNDERGROUND: o difícil mercado de produção de eventos independentes no Brasil

Pensando em eventos de techno, logo vem à nossa mente toda uma atmosfera densa e obscura de festa. Uma pista mais escura, quase que em um tom cavernoso, pessoas dançando de forma introspectiva, uma linha sonora mais pesada comparado com festas de outros estilos e por aí vai.

Mas por trás de tudo isso, há um árduo trabalho de produção de um evento assim. Principalmente, sob um contexto underground. Além das dificuldades enfrentadas por todos os profissionais que atuam para fazer um evento acontecer, os responsáveis pela idealização e execução das festas para esse mercado enfrentam empecilhos políticos, legais e sociais para realizá-las nesse contexto.

Com a minha vivência na cena, percebi que a produção de eventos num contexto underground é um tema pouquíssimo difundido no meio. Apesar de termos muita gente boa desempenhando exemplarmente essa função, não encontrei muito material enquanto fazia umas pesquisas. Por isso, vi a necessidade de trazer esse texto.

Dentro do coletivo que faço parte, a Ciclo, ajudo em alguns aspectos relacionados, mas acabo exercendo outras funções mais voltadas à produção cultural. Sendo assim, decidi enviar perguntas a alguns produtores de evento que acompanho o trabalho, para que pudesse ter o embasamento necessário para produzir este texto.

Conversei com a Lolly Stardusty, que produz a Vortex 323 em SP, e com Donna Bagos, que produz a **Donna Baggos: A Festa**, em Curitiba. As perguntas também foram enviadas para Richard e Alef, responsáveis pela Glitch, de Florianópolis.

O evento underground

Antes de começar a discorrer as perguntas enviadas aos produtores, gostaria de trazer à luz o que eu entendo por evento underground, pois isso será um ponto que norteará todo o desenvolvimento do texto.

Marssala tocando na Glitch por Lara Albrecht.

O pesquisador **Thiago T. Neves** (2013) aponta que inicialmente, após uma estruturação maior da cena rave, as festas do tipo underground, entre outros aspectos, caracterizam-se por uma divulgação menor, que geralmente ocorre de maneira boca a boca; sua estrutura física é bastante alicerçada em locais desocupados e, em grande parte, os artistas que se apresentam são frequentadores da cena local. Logicamente, essa visão é de certa forma mais limitada, pois atualmente, com o alcance das redes sociais, por exemplo, o aspecto de divulgação de um evento pode tomar proporções enormes por meios orgânicos.

Os eventos de techno nascem num cenário às margens da sociedade, sendo assim, inevitavelmente surgem em um contexto underground. Lugares nem sempre regularizados para realização do evento, infraestrutura muitas vezes precária e um recorte local de artistas. Todos esses elementos são comuns aos eventos desse tipo no início da cena.

Mas o tempo passou e muita coisa mudou. Mesmo com pouco recurso, a coletividade se mostrou uma excelente ferramenta para que artistas independentes unam forças e consigam realizar eventos de grande impacto ao público.

Alguém consegue o som, outras pessoas o equipamento, a luz e o bar ficam a cargo de outros, e, assim, ocorreram várias primeiras edições de eventos que tanto gostamos hoje em dia.

Entendo o evento underground primordialmente realizado de forma autônoma, no sentido de pessoas independentes que realizam a idealização e execução dessas festas sem, pelo menos de início, estar ancorados em grandes parceiros mercadológicos.

Registro da primeira edição da Vortex 323.

O contexto atual dos eventos

Em um cenário pós pandêmico, onde os eventos começaram a ser novamente liberados recentemente, muita coisa mudou. O distanciamento afetou as pessoas de diversas formas, e não seria diferente na relação com as festas.

Os produtores de eventos estão se familiarizando com os novos gostos de seu público, com suas novas necessidades e exigências.

Além disso, novas diretrizes para a realização de festas estão em vigor, o que afeta diretamente o planejamento desses eventos.

Aspectos como a saúde mental dos frequentadores é algo que não pode ser deixado de lado, visto o número crescente de crises psicológicas que esse período aflorou. Além disso, a maior emergência sanitária que o mundo já viveu também nos ensinou a olhar com olhos mais cuidadosos para questões como redução de danos.

Eventos que estão levando essas circunstâncias mais a sério saem na frente junto ao público. Pelo que vi, esses são pontos que as festas destinadas ao underground têm se atentado, diferentemente dos eventos mainstream, que continuam focando apenas em lucro.

Para entender o contexto geral que os eventos se encontram atualmente, inevitavelmente precisamos direcionar o olhar para os impactos gerais que o setor cultural sofreu durante a pandemia.

Os grandes e gananciosos quebraram ou enfraqueceram, já os pequenos que se uniram ganharam voz na cena. Logicamente, não se aplica a todo um setor, mas muito do que se viu foi isso.

E isso não foi só notado pelo público, mas, também, foi acolhido muito bem. A aceitação dos frequentadores é o fator de maior importância para aferir o sucesso de um evento. Para o mercado underground, isso é fundamental. Vender a ideia de um local seguro, que ao mesmo tempo funcione como um escapismo social, pode ser a premissa de muitos eventos de música eletrônica. Mas, o quê faz o frequentador optar por um evento de menor proporção, que nem sempre vai ter um redliner conhecido e renomado?

Com toda certeza, uma festa underground não vende apenas a ideia de um simples evento feito com poucos recursos; o que podemos ver analisando casos que deram certo, é onde há uma entrega de todo um universo ideológico que permeia esses espaços.

Partindo dessa ideia, entende-se os motivos das pessoas aderirem a eventos assim com tanta garra. Elas não apenas vão à festa – elas as representam. O público se sente parte do rolê tanto quanto quem organiza ou se apresenta, não se sente no lugar de apenas um consumidor.

Esse posicionamento de núcleos enquanto produto cultural, na minha visão, é o que mais tem fomentado o fortalecimento da cena brasileira. Grandes festivais vêm, trazem grandes nomes, um sistema de som de qualidade em um lugar gigantesco e, quando acaba a desmontagem, voltam com os bolsos cheios de dinheiro para seu país de origem e apenas interagem com o raver brasileiro na próxima edição.

É o mercado formado pelos núcleos do underground que impulsiona a cultura musical nacionalmente – esse trabalho de "educar" o frequentador das festas é o mais demorado e árduo de se fazer. Grandes celeiros nacionais da cena, como São Paulo, já apresentam uma autossuficiência muito grande na execução disso.

E são essas ações que o público, já educado na cena, vê e valoriza frente à dúvida de ir a um evento gigantesco ou underground.

Paralelo a isso, não podemos deixar de fora a situação política que o Brasil vive hoje. Um governo que se esforça para derrubar incentivos para área da cultura e ao mesmo tempo limita a expressão artística apenas a uma parcela conservadora e elitista de arte. Uma economia totalmente destruída, onde a população passa fome e briga por ossos. Tudo isso cria um cenário, no mínimo, desesperador.

O setor da cultura, onde os eventos estão inseridos, foi um dos mais dilacerados pela direita conservadora que assumiu o comando do país em 2018. Como se isso não fosse o suficiente, a pandemia veio e varreu muito da esperança que os profissionais dessa área tinham.

Assim, podemos dizer que fazer cultura atualmente é um ato político no Brasil, principalmente se tratando da cultura underground, geralmente vinda de grupos marginalizados e oprimidos por quem devia dar assistência e governar TODA uma nação, não apenas fazer governo para pais, filhos e esposas pertencentes de uma sociedade de conservadorismo.

Levando em consideração tudo o que foi dito sobre o contexto atual dos eventos independentes, vamos entender agora o quê as pessoas que planejam e executam essas festas têm a dizer sobre tudo que tange esse trabalho.

O evento underground da criação à ascensão?

Cereja Bomba performando na Tríade por Bia Alves.

Os produtores que convidei para responder às perguntas criadas para a formulação desse texto não foram ao acaso. Pensei em eventos onde vejo genuinamente, que considero underground aplicado na prática e com boa resposta de público. Mandei para eles as mesmas seis perguntas, em que questionei os seguintes aspectos: como surgiu o evento que produzem; como avaliam o cenário atual de eventos; o que consideram um evento de sucesso, entre outras indagações.

Os profissionais escolhidos fazem eventos onde a comunidade LGBTQIA+ se vê segura, não muito distante das minhas vivências – isso é um dos pontos que mais presto atenção quando um evento se denomina underground.

De forma geral, noto que o surgimento desses eventos se deu quando os profissionais responsáveis por sua execução perceberam a falta de festas destinadas a determinado público nas cidades onde residem. Seja um espaço mais igualitário em questões de gênero, como no caso da **Vortex**; em Curitiba, **Donna Bagos** queria uma maior visibilidade da arte transformista; e a **Glitch** surge para dar corpo a uma, até então, pequena cena eletrônica LGBTQIA+ em Florianópolis.

A criação de um local de aceitação e segurança foi o que motivou todos os entrevistados a criarem eventos onde isso fosse premissa básica. Isso mostra que o público viu nesses eventos essa ideia, e, ali, se viu representado; seja pelo espaço que o acolhe e protege, seja por expressões artísticas de corpos, que, assim como eles, sofrem opressão e não teriam esse destaque em outros lugares.

Quando há essa aderência do público ao evento, ele começa a ganhar bagagem conforme suas edições vão acontecendo, e isso gera visibilidade e notoriedade.

Uma festa underground pode ganhar visibilidade justamente mostrando artes e culturas de corpos que geralmente não são postos em evidência. A partir do momento em que esse evento começa a ganhar notoriedade ao ponto de se tornar um produto cultural de sucesso, vejo como muito importante que utilize essa voz conquistada para manter o alinhamento ideológico que a colocou em destaque. Sendo este um ponto levantado aos produtores entrevistados.

Donna Bagos cantando por Luciana Tavares.

Compilando e interpretando suas respostas, chego à conclusão de que um evento não deixa de ser underground quando começa a se estruturar, ganhar parceiros e patrocinadores. Muito pelo contrário, é a oportunidade que ele tem de elevar ainda mais o destaque para expressões artísticas vindas de grupos marginalizados e, também, promover a transformação de espaços que não costumam ser acolhedores com corpos dessas comunidades, tornando-os um lugar seguro para essas pessoas e dando visibilidade para culturas que têm seu acesso dificultado por não pertencerem a uma elite cultural predominante.

Para que isso aconteça, é primordial que haja um trabalho de direcionamento do evento enquanto produto cultural. Afinal, como marca, direcionar as edições de sua festa para um público que não é "bem-visto" pela sociedade o poder público pode gerar vários obstáculos, mais do que em festas de sertanejo universitário, por exemplo.

Há um grande desinteresse por órgãos regulamentadores para que haja um facilitamento da difusão da cultura por meio do evento underground. Sobrando aos núcleos fora do mainstream a responsabilidade de manter a cultura em constante crescente no país, mesmo sem qualquer tipo de auxílio para isso.

Além disso, o cenário underground vem levantando premissas básicas em seus eventos, que buscam ser mais amplos, acessíveis e igualitários. Como lembrado por Donna Bagos, eventos que tomam essas características para si acabam se tornando exemplo para que outros já consolidados possam repensar sua forma de execução.

O evento underground pós pandemia

Houve um profundo desamparo ao setor cultural durante a pandemia e isso ainda é uma realidade, pois, além da pandemia não ter se extinguido, a desvalorização intencional que o governo trata a cultura é cada dia mais nítida.

Em meio a esse ambiente nada acolhedor para a produção cultural, os eventos começaram a retornar. Lembrando aqui que a inflação no Brasil está em níveis desesperadores, então, para o produtor, que chegou feliz achando que ia produzir seu evento, viu que absolutamente tudo está mais caro, do aluguel de espaço e equipamentos ao limão que vai na caipirinha do público.

O público que vai nos eventos undergrounds são pessoas que, além de também estarem sofrendo com a situação econômica do Brasil, já não tinham um poder econômico elevado antes, imagine agora.

O jogo de cintura que esses profissionais estão tendo é algo absurdo. Como não perder qualidade na entrega, conseguir pagar todos os envolvidos e ainda assim repassar isso da forma menos agressiva possível ao público? Isso, vindo de um contexto de dois anos sem levantar caixa nenhum.

Aliado a tudo isso, há uma parcela do público que ainda não tem muita consciência. Nos eventos de volta, deram preferências a grandes nomes internacionais enquanto artistas brasileiros mal conseguiam se sustentar.

Contudo, nesse momento que vivemos a produção cultural no recorte do underground é resistência. Resistência de existir e fazer, mesmo com todos esses empecilhos, vemos eventos acontecendo, começando a ganhar fôlego em suas edições e difundindo essa cultura que, em pleno 2022, ainda está marginalizada e oprimida.

ALEX BUUENO

COLUNA

Versatilidade Musical

Foto: crédito Loiro.

Logo após que entrevistei a **DJ Fracta** em outubro, ela me sugeriu essa pauta, topei na hora! Como não sou DJ, então fiz o que adoro fazer por aqui, trazer depoimentos de pessoas do meio, e, olhando para essa pauta com minha ótica, me lembro de uma amiga uma vez falar "*Se o DJ toca só um estilo, ele não irá tocar em lugar algum*". Será?

Alguns DJs seguem um nicho específico, definindo o estilo que eles querem abordar em seu projeto e podem até trabalhar com dois projetos distintos para assim poderem tocar diferentes vertentes; enquanto outros dentro de um único projeto, transitam pelas sonoridades. Ser versátil abre um leque de possibilidades que certamente agrega bagagem e habilidades ao artista, o que para alguns, ao trabalhar dessa maneira, o DJ ganha um status de ser um DJ completo, um DJ versátil.

Eu trouxe um depoimento do **Bragyptian**, DJ egípcio radicado no Brasil. Bragyptian é um DJ que eu diria inquieto quando o assunto é versatilidade, pois se aventura em uma diversidade de vertentes.

"*Tudo começou pela simples pergunta para um clubber: 'Qual som que você mais gosta?' Sempre foi difícil pra eu responder essa pergunta, pois quando tentava encaixar as tracks que eu mais gosto dentro de uma vertente, surgiam outras que me conquistavam, que me remetiam à outra vertente. Foi muita reflexão até chegar numa resposta simples: 'Eu gosto de música de qualidade, independente do gênero.*"

Como DJ, acredito que sentir a vibe do público em cada gig, se conectar com a energia da galera e ajustar a sua apresentação conforme, é uma característica essencial de um bom DJ. Claro, isso sem fugir muito da tua identidade sonora e sem tocar um som que não te agrada pessoalmente."

Perguntei a ele sobre como é construir uma identidade tocando diferentes estilos.

"***Acredito que a identidade sonora é algo que vai mais além de um estilo ou uma vertente musical.*** *Vejo que muitos DJs, por não encontrarem ainda as suas respectivas identidades, acabam definindo um estilo ou gênero como identidade sonora, e isso é um fator limitante. Claro que é mais desafiador fazer um set coerente e manifestar a tua identidade sonora tocando vários estilos.*

Por outro lado, vejo que foi formando uma cultura de pista onde vários clubbers querem ouvir X track ou Y estilo ao invés de ouvir de mente aberta e, depois decidir se agrada ou não. Isso foi mais um desafio que decidi encarar porque acredito que depois de atravessar essa barreira, o retorno é grande. DJs mais renomados mundialmente se destacaram pela versatilidade, ***Carl Cox*** *e* ***Peggy Gou*** *são exemplos.* ***É muito gratificante chegar ao ponto que o seu público vai na gig sem ter ideia de qual estilo você vai tocar, porém confia que vai ser bom!***"

Também conversei com a **Fracta**, DJ que tive a oportunidade de escrever uma matéria de homenagem ano passado, e que, em mais de 10 anos de carreira, a DJ curitibana explorou uma diversidade de sonoridades.

"Na verdade, não foi bem uma escolha. Eu não gostava de música eletrônica até os meus 14 anos, quando tive meu primeiro contato com o house comercial e o psy que tocavam nas rádios na época, em meados de 2000/2004. A partir daí, percebi que comecei a apreciar inúmeras sonoridades dentro daquele 4×4, nunca me prendi a vertentes. Durante meu curso de produção em 2011, comecei a pesquisar mais a fundo house music, e o verdadeiro aprofundamento e conhecimento de causa surgiu quando me apaixonei por artistas como **Trentemoller**, **Daft Punk** *e* **The Prodigy**. *Identidades musicais totalmente diferentes. Pra mim, música boa não tem estilo ou vertente. Ou a música é boa, ou é ruim. Não me importo se ela vai do Psy ao Deep house.*

Eu amo essa versatilidade! Consigo apreciar diferentes artistas em diferentes horas do meu dia. Quem cria a minha identidade é o público que me segue, porque sabe que o que eu entrego está diretamente de acordo com os fatores de cada momento, cada pista e cada público. Eu entrego de acordo com a proposta da festa, e vou levando conforme a resposta de quem está me assistindo. Sem me prender a rótulos, estilos ou vertentes."

Bragyptian e Fracta falam sobre como a "boa música" é encontrada em uma diversidade de rótulos e isso faz com que ambos estejam abertos a testar coisas novas. **Na minha ótica, um DJ versátil pode ser aquele que dentro de uma vertente explora diferentes possibilidades ou aquele que traz para o seu projeto uma diversidade de estilos e sabe mesclá-los com sutileza.**

TIAGO JERÔNIMO

LANÇAMENTO

Pedro Arms "Quero Ver Quem Vem" lançando seu novo single pela AURAVISS RECORDS

A track tem influências mistura do Afro POP, Reggaeton, trazendo um vocal no estilo clean funk.

"Venha… crianças, adultos, idosos, todas as raças e estilos, eliminando o preconceito e trazendo uma melodia chiclete para manter harmonia e equilíbrio entre todos. E aí? Você vem?" Pedro Arms chama todos para o lançamento da nova "Quero Ver Quem Vem", agora nas principais plataformas digitais.

Focando nessa nova era de tiktokers, Pedro diz que *"A música foi construída e projetada para atender o público POP, trazendo uma mistura de Afro POP, Reggaeton e com um vocal no estilo clean funk. Baseada em artistas que gostam de criar coreografias e "dancinhas" no TIKTOK, tanto é que tem um instrumento baseado em cornetas e efeitos indianos para trazer um efeito "chiclete" na música"*, comenta e conclui dizendo: *"As principais referências foram os artistas que são viciados no TikTok e o talentoso produtor musical do grupo Major Lazer."*

Este projeto foi 100% produzido por ele e lançado com o suporte da gravadora AURAVISS RECORDS do talentoso DJ Deep Factory. *"A faixa tem um apelo vocal incrível embalado por um ritmo contagiante. Ela é pop e eletrônica. Agrada gregos e troianos. A simplicidade das notas e arranjos convencem e ganham público. É do tipo de música que cola no seu dia e na sua playlist"*, comenta a gravadora, reiterando que a música foi feita para um público mais amplo, *"é justamente uma chamada para todo o tipo de público"*, completa o deejay.

Sobre o processo de produção musical, Pedro comenta que *"A música foi construída em estúdio, com os mais modernos programas de produção musical e plug-ins que trazem instrumentos que promovem total realidade virtual, utilizando sintetizadores virtuais e instrumentos sintetizados"*, finaliza.

Assista: Teaser "Quero Ver Quem Vem"

"É muito bacana a história, já que fiquei 10 anos parado, pois trabalhei anteriormente como produtor musical e remixer com o nome de Peter C até 2008 e, como Peter Heinz até 2012, tive que engavetar meu projeto por outras questões pessoais.
E após esses 10 anos, desengavetei este projeto com o nome de Pedro Arms, lancei algumas músicas para conseguir entrar nas plataformas digitais e trabalhei arduamente para encontrar um vocal no estilo afro pop, que traz uma energia muito positiva para as pessoas."

Pedro Arms.

Assista: Teaser "Quero Ver Quem Vem"

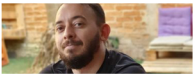
Além da música original, o single conta com remixes no estilo Circuit (VIP MIX), Tribal House (CLEAN VERSION) e futuramente um remix no estilo Brazilian Bass, que deve ser lançado "no início de Maio… "*Além de estar trabalhando com um vocal de uma cantora americana no estilo Reggaeton*", conforme diz o próprio DJ.

Então é isso, Pedro Arms traz a nova "Quero Ver Quem Vem", para saber quem vem com a gente curtir muito este single, e os remixes dele, se divertindo com este lançamento que foi feito para todos se jogarem na dancinha marcando a **#QuemVem**. Confira agora mesmo nas principais plataformas digitais.

Ouça: "Quero Ver Quem Vem"

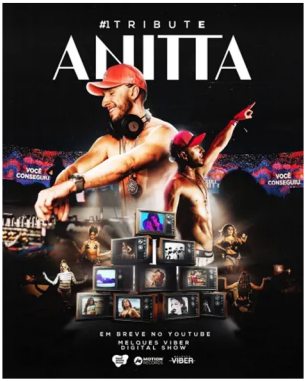
SOBRE PEDRO ARMS:

Pedro Arms começou sua carreira como **Peter C.**, trabalhando como DJ na noite goiana, sendo instruído e mentorado pelo **DJ Leanh**, a partir daí começou a trabalhar como remixer para alguns artistas e a paixão foi tão grande que deixou a noite como deejay e se dedicou inteiramente como produtor musical e remixer com o nome de **Peter Heinz**. Agora, volta com o nome de Pedro Arms, vivendo na cidade de São Paulo (SP), trabalhando em estilos diferenciados de músicas, mesclando o POP com a música eletrônica. A paixão pela música é tão grande que o projeto passará a trabalhar em torno da maioria dos estilos musicais dentro da cena POP. Está trabalhando e estudando arduamente para alcançar o topo com qualidade e paciência, investindo em cursos de produção musical juntamente com o talentosíssimo **DJ VMC**.



DIEGO AGANETTI

DJ Melques Viber se apresenta em tributo em homenagem a cantora Anitta no Rio de Janeiro



Em sua apresentação na festa Gueto (TNW), o DJ traz conta com um ballet trazendo versões icônicas da cantora

O tributo em homenagem à cantora Anitta veio sim! E foi o DJ Mesques Viber o responsável por esse feito! Melques aproveitou a sua apresentação na festa Gueto que rolou recentemente em uma das casas mais marcantes da cena tribal house brasileira, na antiga The Week (Sacadura Cabral, 154), para entregar uma performance incrível, energética e muito quente, bem na vibe Anitta de ser. A festa marcou o retorno do novo selo comandado pelo empresário **André Almada**, o TNW (The New World), em terras cariocas.

Assista: Melques Viber - Festa Gueto

Conceito, Intro, Remix e Direção: @melquesviber

Direção artística: @amandaamirandaa, @casulo_entreteninento

Ballet: @negarobys, @jessicaabarross_, @isamesq, @jumartns

Figurinos Anitta: @wanderajones

Figurino Melques Viber: @victordonadelli

Biquini de Fita: @marianabronze1

Vídeo: @ophverso

Aftermovie e Digital Show: @america.mov

Evento: @thenewworld.group

Agencia: @headphonemusicbrazil

A homenagem feita por Viber contou com um ballet trazendo versões da Anitta que marcaram sua carreira, um vídeo em homenagem a sua conquista nas paradas mundiais e o lançamento de um novo remix de "Envolver" (hit #1 mundial da cantora) feito pelo DJ, que agora é residente do grupo e faz parte da agência **Headphone Music**.

Perguntamos ao DJ sobre a experiência em viver essa grande homenagem à cantora que ele tanto ama, e ele disse: "*Foi uma experiência incrível, pois sou muito fã da cantora, e além de estar prestando uma homenagem, estou realizando um sonho pessoal, e mostrando um pouco do meu trabalho a todos, de uma forma que nunca fiz*", finaliza.

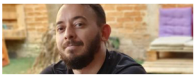
O DJ também conta qual era o seu objetivo em apresentar este tributo além de sua admiração pela cantora: "*Meu maior objetivo além da homenagem era passar o máximo de energia pra pista e tornar aquele momento único não só pra mim. E toda equipe envolvida, como a Casulo Entretenimento, sob comando da Amanda Miranda e esse ballet incrível colaboraram para que fosse um sucesso!*"

Foi o momento certo para Melques trazer essa homenagem, pois além do próprio tema da festa ser o gueto, e a cantora veio da favela, a homenagem chega após as recentes conquistas internacionais da carioca, que lançou recentemente seu álbum **"Versions Of Me"**, e que tem chamado muita atenção tanto nos charts, como por sua recente participação no festival **Coachella**.

Viber fará sua primeira tour internacional com datas em Portugal (Porto e Lisboa) e no Chile nos próximos meses. Ele, que recentemente foi anunciado como residente da The New World, diz: "*Estou muito animado com tudo e cheio de planos, inclusive o lançamento do meu novo single de Tribal Funk já anunciado, "Taca Fogo", que vem seguido de apresentação de estreia e do videoclipe.*"

O aftermovie de toda essa homenagem chega junto com um remix e uma versão extendida do set que foi apresentado durante o tributo. Confira agora mesmo acessando o SoundCloud, Spotify, Youtube e as demais plataformas digitais do DJ Melques Viber. A apresentação completa sai em breve em um Digital Show imperdível com toda a apresentação.

Ouça: Tribute #1
(Live at Gueto Rio de Janeiro)



DIEGO AGANETTI

COLUNA

Amores e Cores: Ricardo e Dani

Assista: Poema "Ricardo e Dani" de Samuel Strappa (Legendado)

Algo incerto no novo mural do Ricardo.
Algo fora do lugar, torto, desencaixado.
Algo faltoso, complexo, sem nome dado.
Algo infeliz, descolorido, desmotivado.

E num desatino descabido, o destino.
Um desconhecido aproximado miudinho.
Mas de presença grande até no figurino.
Um short curto, um corpete, o bigodinho.

Trazia uma coroa na cabeça e o sorriso.
Botas de salto alto, elegante, destemido.
Encostado no mural, na tinta, nada tímido.
Era sua pele, sua verdade, sua libido.

Então ele falou, era Dani a sua graça.
Novo na praça e na boaça.
Dani sem artigos definidos, na raça.
Tudo que a alegria escolhe e abraça.

De repente, para Ricardo um novo sentido.
Para o medo e a tristeza, um outro caminho.
Para as latas do grafite, um real motivo.
Para o triste cimento, um arco-íris colorido.

Ricardo e Dani, o nascimento do indivíduo.
O coração, a liberdade, o eu-lírico.
O amor longe de qualquer normatividade.
A coroa, o orgulho e claro… A felicidade.

SAMUEL STRAPPA

COLORSdj

NOSSA EQUIPE

Sandro Arnaldo - Sócio Proprietário - Administrativo
Diego Aganetti - Sócio Proprietário - Editor-Executivo
Barbara Anastácio - Advogada - Jurídico
Cadu Bondezan - Editor-Chefe

MÚSICA

Fred Rigoni
Kukua Dada
Orly Fernandes

NOTÍCIAS

Orly Fernandes

HISTÓRIA

Papos Psicodélicos

PROFISSÃO

Alex Buueno
Bianca Motta
Thiago Torres

I.D.

Diego Aganetti
Tiago Jerônimo

VOZES

Samuel Strappa

CONTATOS:

POP - imprensapop@colorsdj.com
TRIBAL - imprensatribal@colorsdj.com
UNDERGROUND - imprensaunderground@colorsdj.com
HISTÓRIA - imprensahistoria@colorsdj.com
PROFISSÃO - imprensaprofissao@colorsdj.com
I.D. - imprensaid@colorsdj.com
VOZES - imprensavozes@colorsdj.com

IVAN T. DESIGN STUDIO
www.ivantdesign.com.br